



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Lisboa condecorada

Torres e Vieira



— Agradeço muito a Torre e Espada, mas na ocasião presente antes queria o bacalhau a doze vintens...



PALESTRA AMENA

Quinze mil!

Quinze mil! nem mais, nem menos — ou antes, provavelmente mais do menos. Quinze mil é ou não um numero respeitavel?

Assim, á primeira vista, como se escreve em duas palavras, não parece grande coisa; e se o escrevermos em algarismos, 15:000, tambem não faz uma figura por aí além, porque ocupa pequenissimo espaço. Mas imaginem os senhores quinze mil objectos pequenos que sejam, postos a par uns dos outros; preenchem ou não uma extensão de respeito?

Quinze mil metros, por exemplo (e um metro não é uma medida de grande comprimento) são como quem diz quinze quilometros, ou tres vezes cinco quilometros, ou tres leguas, que vem a ser, aproximadamente, a distancia que vai do Cais do Sodré a Oeiras.

Quinze mil! Se em vez do espaço considerarmos o tempo, dir-nos hão que quinze mil segundos é um lapso de tempo apreciavel, sim, mas não de espantar; é certo, mas quinze mil horas (e fazemos para a hora raciocinio semelhante ao que fizemos para o metro) são seiscentos vinte e cinco dias, ou sejam quasi dois anos.

E quinze mil anos?! Faz alguém idéa do que serão quinze mil anos, da transformação por que passa qualquer coisa ou pessoa em quinze mil anos, o proprio globo terrestre, que talvez não tenha semelhante idade, pelo menos no estado em que actualmente se encontra, com a crosta solida que lhe conhecemos? Não faz, com toda a certeza.

Vamos agora a mudar de quantidade; das hipoteses espaço e tempo, passemos á hipotese dinheiro. Quinze mil réis, pensar o leitor, nos tempos que vão correndo, é uma quantia de tal modo insignificante que não chega para pagar umas simples gaspias a um sapateiro. D'acordo: nem quinze mil escudos é tambem coisa que se veja. Mas imagine o leitor, por um momento, que lhe davam quinze mil contos e que não tinha uma apoplexia fulminante, com tal oferta: faz idéa da quantidade de cedulas ou de notas, que representam esses quinze mil contos?

Não faz.

... Poderíamos, sobre o mesmo tema, dedilhar outras variantes, inumeraveis variantes, mas não o faremos, porque a esta hora, n'esta altura da palestra, já o leitor está intrigadissimo e desejoso de saber onde queremos chegar com tanta cantiga ácerca do numero 15:000.

Então, aí vai: é que quinze mil, segundo as ultimas estatisticas, publicadas no *Seculo*, é o numero de mulheres de má nota que ha em Lisboa!

Confessamos que, por muito que estivessemos preparados para as mais

extraordinarias surpresas, aquele numero causou-nos um assombro que ainda não se dissipou!

Agora, queiram raciocinar mais um nadinha e pensar nos horrores que o facto significa, na soma incomensuravel de torpezas, de desgraças, de calamidades que está ligada a esta monstruosidade, sabendo-se que cada uma das infelizes corresponde a multiplos desequilibrios sociais...

Quinze mil! Acodem-nos ao bico da pena outros tantos comentarios filosoficos a respeito de tal enormidade, mas estamos a adivinhar que o leitor os dispensa, tanto mais que estamos em tempo de folia e não vale a pena uma pessoa ralar-se. Pois então, estimamos que se divirta.

J. Neutral.

A chegada das an'orinhas

Chegaram ha dias as pobres patetas das andorinhas a Algés, segundo as folhas noticiam — e patetas lhes chamamos, porque mostram bem pouca miolera em por cá aparecerem tão cedo. Primeiro, estes dias de sol são certamente um doce engano d'alma ledo e cego, que Março não deixa durar muito; depois vão-se vêr atrapalhadissimas



para arranjar casa, com o preço doido a que chegaram os materiais, incluindo o barro.

Pessimismo? Não, senhores, pois que acaba de chegar á nossa redacção um reporter que mandámos a Algés, a entrevistar uma das recémchegadas, o qual confirma tudo o que deixamos dito.

A infeliz estava arrependidissima da viagem e preparava-se para regressar a Marrocos, de onde tinha vindo em direitura.

Torre de chifre

Grito d'alma

Eu já não posso viver
Longe dos teus encantos:
Porque has de tu ó mulher
Fazer-me ve ter prantos?

Não devias dar esperanças
Ao meu triste coração:
Agora adeus, bonanças,
E' tudo escuridão!

Vejo perto o cemiterio
Vejo a cova já perto.
Vale-me n'este emiterio!
Vale-me n'este deserto!

J. B. Brandão.

A carta do papa

Todos os jornais noticiam que sua santidade escreveu ao seu delegado em Portugal, mas estão em desacôrdo quanto ao sentido da missiva, que cada um relata a seu modo, porque a não conhece. Felizmente, temos no Vaticano excelentes relações, o que nos permite que possamos dar ao leitor o texto completo da referida carta. E' o seguinte:

«Meu caro nuncio

«Reforçando as instruções que te dei quando saiste de Roma, vou fazer-te algumas recommendações de absolu-



ta necessidade, para que as transmitas ao meu clero, que muito preso, pois que cada vez se tornam mais necessarios os bons exemplos e as sãs doutrinas.

«1.º — Não deve nenhum padre ter de portas a dentro moças de idade inferior a 25 anos, evitando assim que as más línguas tenham que dizer, com apparencia de fundamento.

«2.º — Recmendo muito especialmente o jejum a todos os membros do clero, durante a noite, desde que se deitem na cama até que se levantem.

«3.º — Convem aproveitar todos os enseios para revigorar a fé no poder de Deus Nosso Senhor: assim, quando, n'um longo periodo de chuvas o barometro tiver uma grande subida, ou n'um periodo de seca, uma grande descida, dever-se-hão fazer preces a pedir sol ou chuva, segundo os casos.

«4.º — Cada paroco deverá ter em casa duas bandeiras, uma d'elas verde e vermelha a outra azul e branca, para o que der e vier, seguindo com o preceito: a Cesar o que é de Cesar — visto que o Cesar tanto pode ser o sr. Antonio José d'Almeida como o sr. D. Manuel de Bragança.

«Emfim, nuncio amigo, sê diplomata, conforme te indiquei e não me dês desgostos. Abençoa-te o teu

Padre Santo.»

Correspondencia

B. L. A. (Coimbra) — Tomaras a respectiva nota, mas tarde será servido.

Bento S. L. F. — E' assim que se principia; ataque immediatamente com capacetes de gelo.



Historias carnavalescas

EM FOCO

A menina dos telefones

Escrevem-nos alguns leitores estranhando que não aproveitemos o tempo carnavalesco para lhes darmos historias sujas, chegando um d'elles a dizer que «a porcaria é a coisa mais engraçada que tínhamos em Portugal».

Pois então, aí vão duas historias de partidas de Carnaval, com a devida venia.

* * *

Finalmente, o Anatolio ia pedir a D. Elvirinha em casamento aos pais. Ao principio houvera opposição ao namoro, mas a teimosia dos dois jovens vencera e os pais da noiva fizeram saber ao rapaz, por intermedio da pequena, que o receberiam gostosamente no dia tantos ás tantas horas.

Efectivamente no momento prefixo o Anatolio dava entrada na sala, onde já se encontravam os futuros sogros e o futuro cunhado, o Carlinhos, interessante criança de 7 anos.

Feito o pedido, o pai da D. Elvirinha declarou que pela sua parte não tinha objecção a fazer, mas que era preciso ouvir a interessada.

—D'accordo, disse o Anatolio.

—Minha filha não tarda, afirmou



a mãe; já sabe que o senhor está aqui...

Passados, porém, dez minutos ainda D. Elvirinha não tinha apparecido e o noivo começava a estranhar a demora.

—Então a Elvirinha não vem?

—Não pode tardar, repetiu a futura sogra.

O Carlinhos, com a sua costumada vivacidade:

—Não sei porque a mamã está a dizer que a mana não se demora; demora tal.

—Não digas tolices! exclamou o pai.

—Tolices?! retorquiu o garoto. Então o papá não sabe que a mana quando vai á retrete nunca se demora menos de uma hora?!

* * *

As crianças são diabolicas.

Com o Ernestinho, que apenas conta 6 anos, aconteceu outra, que, se não tivéssemos vergonha, eramos capazes de contar.

Contemos sempre.

Tinha o Ernestinho uma lingua que



*Não sei, ha quasi um mês quedura a grêve,
Se a menina está lá ou foi embora:
Que saudades do tempo de demora,
Que hoje, pelo contrario, julgo breve!*

*—«Raios o partam! Que o dicbo o level!
E outras frases assim, por aqui fóra,
Ela me dedicava a toda a hora,
Em pitoresco estilo d'almocreve...»*

*Mas o que eu lembro com maior poesia
Não é o que em voz alta essa donzela
Me declarava, cheia de ousadia;*

*E' o que balbuciava com cautela,
Supondo que eu de longe não ouvia
E a que eu dava a resposta: «Que vá ela!»*

BELMIRO.

seria depravada, se soubesse o que dizia, mas que o não era porque—coitadinho—se chamava ás coisas pelo seu verdadeiro nome era por ser inocentissimo.

Ora a mãe, a D. Mafalda, para evitar algum desmando de linguagem do filho, recomendou-lhe:

—Olha lá: quando tivermos visitas e tu tenhas necessidade de ir fazer o que sabes...

Aqui o Ernestinho interrompeu com uma palavra que não nos atrevemos a escrever, mas que é o infinito d'um verbo de duas silabas, da 1.ª conjugação, começado por c.

—Isso mesmo, continuou a D. Mafalda. Quando tivermos visitas não digas isso; dize: «O' mamã eu quero ir ao jardim». D'esse modo já fico sabendo do que se trata.

—Sim, senhora.

D'aí a dias, deu-se o facto. Estava gente de fóra, o pequeno teve vontade de ir á tal parte, e disse, lembrando-se da recomendação materna:

—O' mamã: eu quero ir ao jardim.

—Vai, respondeu a mãe, encantada com a delicadeza de Ernestinho.

Este, de subito:

—O' mamã! E ha lá papel para eu limpar o...

Aqui disse outra palavra que não repetiremos, limitando-nos a dizer que é um substantivo do genero masculino, que tem só duas letras e que tambem começa por c.

—Mas essa historia é velha! dirá o leitor.

E', bem sabemos; mas n'isso é que consiste a partida carnavalesca.

Mexico—Portugal

Provavelmente já conhecem esta, mas como no-la contou a capitosa mexicana Esperança, Iris ela aí vai como se fosse novinha em folha.

Representava-se o *Amor de principe*. N'um dos intervalos fomos cumprimentar a actriz pelo seu belo trabalho, e, incidentalmente, falou-se em politica.

—O presidente do ministerio não costuma vir ao teatro? perguntamos.

—Costuma.

—Ainda o não vi...

—Qual presidente?

—O do ministerio, repito.

—E' que de hontem para hoje já houve tres...

Esperança Iris soltou uma gargalhada e contou então:

—Aqui ha anos cantava no meu teatro, no Mexico, uma comanhia lirica europeia, da qual fazia parte um tenor de grande fama. Ao terminar o primeiro acto, o secretario do presidente da Republica foi ao palco e pediu ao tenor que fosse ao camarote presidencial, porque o presidente o queria cumprimentar.

«O tenor» foi, recebeu os elogios devidos, pelo seu extraordinario trabalho, e voltou para o camarim, a preparar-se para o segundo acto, que cantou com tanto exito como tinha cantado o primeiro.

«No fim d'este, o secretario desceu novamente a palco» e disse-lhe:

—«O sr. presidente da Republica pede-lhe que vá ao camarote porque deseja felicita-lo.

«O tenor, admirado:

—«Perdão, mas eu já lá fui, no fim do primeiro acto...»

«O secretario:

—«Bem sei, mas isso foi com o presidente deposto.

—«Deposto?!

—«Sim senhor; agora o presidente da Republica é já outro.

«Tinh aviado uma revolução» entre o primeiro e o segundo acto e o Mexico tinha mudado de presidente n'esse espaço de tempo.»

Analogias...

Providências governamentais



Roberto Veira

— É boa! Depois da minha casa despejada é que lhe trancam a porta!